

# A caminhada do privilégio: desconstruindo estereótipos

Criado por: [Gabriella da Silva Mendes](#)

## Contexto

Esta prática surge da necessidade de refletir o comportamento perpetuado em sociedade, que dificultam o acesso à diversidade e inclusão, com o intuito de contribuir para a reversão das desigualdades de oportunidades enfrentadas por pessoas pertencentes a grupos estigmatizados.

Esta atividade já foi realizada como um Projeto voltado para instituições de ensino. Como uma atividade pensada a partir de estudos e números que mostram que as mulheres ou não se interessam ou se afastam das Ciências em especial das ciências exatas por conta de uma possível “ameaça pelo estereótipo” existente nas universidades, escolas e na nossa sociedade de forma geral.

Os participantes do projeto foram convidados a uma reflexão a começar pela visita a exposição seguida da participação em atividades práticas e teóricas que abordam formas de perceber e contornar possíveis ameaças pelo estereótipo advindas de diversos discursos em diferentes espaços sociais. Através do debate e diálogo entre e com os visitantes é possível pensar novas formas de agir e atuar tanto nos espaços de debates como extramuros da universidade.

## Objetivos

Objetivos Gerais:

Informar estudantes, educadores, pais/mães e membros da sociedade como um todo sobre: a importância da educação não formal e da visita a espaços que recontem parte da nossa História bem como a Biografia de pessoas que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento da sociedade como ponto de partida para entender a sociedade de forma dialógica. Mecanismos que prejudicam o acesso ao conhecimento e a oportunidades de desenvolvimento pessoal, educacional e profissional associados ao viés implícito e ameaça pelo estereótipo; Como contribuir para desfazer, ou minimizar, as consequências dos fenômenos de viés implícito e ameaça pelo estereótipo na discriminação de gênero, cor da pele e status socioeconômico, favorecendo o aumento na representação destes grupos em áreas estratégicas e essenciais da ocupação humana.

#### Objetivos Específicos:

Demonstrar por meio de palestras e vivências práticas o viés de preconceito social; Informar sobre como o viés de preconceito influencia a tomada de decisões; Informar sobre formas de evitar que o viés de preconceito influencie na tomada de decisões; Evidenciar a existência da ameaça pelo estereótipo e como tal ameaça prejudica o desempenho acadêmico de grupos estigmatizados; Informar medidas a serem adotadas em ambiente escolar de modo a prevenir a ocorrência da ameaça pelo estereótipo; Realizar atividades de troca de experiências de modo a contribuir para a construção do conhecimento conjuntamente entre os participantes e a equipe envolvida na execução do projeto; Proporcionar aos alunos e professores participantes da atividade, uma experiência única bem como a possibilidade de trabalhar futuramente em sua sala de aula, a temática de gênero.

## Recursos educativos

Utilização de recursos: recursos audiovisuais.

Explicação e resignificação de conceitos como: estereótipo; diversidade; inclusão; exclusão; preconceito; racismo; discriminação;

machismo; feminismo; sororidade; empoderar; sexismo; estupro; feminicídio; pedofilia; desigualdade; desconstrução.

Sugestão de Filme: Escritores da Liberdade (2007) - [Trailer](#)

Sugestão de Livros:

‘Coisa de Menina’ e ‘Coisa de Menino’

Resumo: Os dois livros infantis escritos pela autora Pri Ferrari que quebram o antigo estereótipo de que existem ‘coisas de meninas’ (brincar de boneca, vestir cor-de-rosa) e ‘coisas de meninos’ (jogar futebol, vestir azul). Indicados para crianças de 3 a 6 anos, ‘Coisa de Menina’ e ‘Coisa de Menino’ explicam, com uma linguagem simples e ilustrações divertidas, que meninas e meninos têm a liberdade de escolher do que querem brincar e o que querem ser, sem estereótipos e amarras de gênero.

‘As Mulheres e os Homens’

Resumo: Uma das obras da série ‘Livros para o Amanhã’, que abordam temas atuais como gênero e política, voltada a crianças de 8 a 10 anos, o livro ‘As Mulheres e os Homens’ aborda de maneira leve, bem-humorada e acessível a importância em se discutir a igualdade de gênero, a diversidade e o respeito na sociedade.

## Metodologia

1º MOMENTO / PASSO 1:

Posicionem-se na linha central e deem as mãos para os colegas ao lado. Vocês manterão as mãos dadas o quanto for possível, mas, podem soltá-

las quando não conseguirem mais manter o contato.

Traremos questões sobre diferentes realidades. Se você já tiver experimentado essa realidade, execute o comando, dando um passo para frente ou para trás, conforme solicitado, podendo ser visualizado na IMAGEM 1 e 2, inseridas como cartões de comandos de perguntas da atividade.

Se a hipótese não corresponder à sua realidade, mantenha-se no lugar, não se mova.

2ºMOMENTO / PASSO 2: FINALIZAÇÃO DA ATIVIDADE!

ESTAS SÃO SUAS POSIÇÕES FINAIS!

Formulário de Avaliação:

Em relação a esta atividade, por favor, responda:

1. Você conhecia o conceito de viés (ou percepção) implícita?

( ) nada. ( ) pouco. ( ) moderadamente. ( ) muito. ( ) extremamente.

2. A atividade trouxe esclarecimento sobre vivências práticas do viés de preconceito social?

( ) nada. ( ) pouco. ( ) moderadamente. ( ) muito. ( ) extremamente.

3. Você conhecia o conceito de “ameaça por estereótipo”?

( ) nada. ( ) pouco. ( ) moderadamente. ( ) muito. ( ) extremamente.

4. Você conhecia o fato de que as mulheres não ocupam igualmente, em relação aos homens, todas as profissões e espaços na sociedade?

( ) nada. ( ) pouco. ( ) moderadamente. ( ) muito. ( ) extremamente.

5. A Oficina trouxe esclarecimento sobre este assunto:

( ) nada. ( ) pouco. ( ) moderadamente. ( ) muito. ( ) extremamente.

6. Você acha que este tipo de palestra pode ajudar as mulheres a ocupar diversos espaços na sociedade?

( ) nada. ( ) pouco. ( ) moderadamente. ( ) muito. ( ) extremamente.

Caso deseje, escreva suas críticas e sugestões no espaço abaixo:

- O que você pensou, sentiu ou percebeu enquanto executava a atividade “A Caminhada do Privilégio”?
- Algum momento te marcou? Qual? Por quê?
- A atividade influenciou de alguma maneira as ideias e concepções que você tem sobre os temas: direitos; privilégios; meritocracia e desigualdade?
- Você quer falar sobre a posição que você imaginou que ficaria em relação aos outros participantes, sobre a sua posição final ou sobre os motivos que contribuíram para essa posição?
- Você gostaria de Propor outro nome para essa “Caminhada”?

## Número de aulas

Recomenda-se utilizar 2(duas) aulas ou encontro. Mas, com 2 horas consegue-se realizar a dinâmica sem qualquer prejuízo. Basta administrar o tempo em: 30 minutos para discussões iniciais dos temas destacados no início da descrição da proposta de atividade, 30 minutos para leitura das perguntas da dinâmica, e 1 hora para finalização com discussões/reflexões da dinâmica e preenchimento do formulário proposto de encerramento.

# Resultados

Tendo em vista todo o processo de construção, pesquisa e análise, mencionado, este Projeto de extensão universitária que visou problematizar as influências da “ameaça do estereótipo” (Steele; Aronson, 1995) na formação pessoal e profissional de crianças e jovens, além de promover a divulgação e popularização da ciência para todos os níveis.

Com período de duração de Agosto à Dezembro de 2018, a oficina foi aplicada com turmas de escolas agendadas, que se dispuseram a participar da atividade. Realizando esta oficina uma vez por mês no mencionado período, e em cada visita 40 (quarenta) alunos acompanhados de 4 (quatro) professores responsáveis. Portanto, alcançamos em nossa oficina um total de 220 (duzentas e vinte) pessoas.

Muitas vezes após a oficina, ouvíamos relatos emocionados dos participantes, que levaram à importantes debates e reflexões, que antes de realizar a atividade não sabiam dos assuntos abordados, e/ou não haviam parado para refletir.

Acreditamos no potencial de crescimento desta atividade, podendo permitir que todos tenham igualdade de acesso às todas as esferas da produção científica, e, sobretudo a tentativa de reverter à ameaça de estereótipo, para melhores promoções e desenvolvimento da sociedade, sobretudo na área educacional.

## Por que recomenda?

Num mundo cada vez mais globalizado, precisamos centralizar nosso entendimento à cerca destes temas, para haver o respeito, aprendizado maior e melhor, derrubando barreiras desnecessárias. Sendo o princípio desses entendimentos necessários desde o início da educação,

onde por intermédio de uma difusão mais avançada dessas e de discussões intrínsecas à esses temas, resultam numa mudança de comportamento em sociedade, vindo a torná-la mais justa e igualitária.

Considerando as demandas da nossa sociedade, em constantes transformações (BAUMAN, 2001) e atravessada pela reivindicação de projetos ultraconservadores e que representam um retrocesso à humanidade, é importante enfatizarmos às discussões acerca dos estudos à respeito da Diversidade e Inclusão com ênfase na formação de docentes.

Das temáticas da atualidade, conduzindo implicações para a atuação profissional docente interdisciplinar ou em outros espaços profissionais, a discussão da temática de diversidade e inclusão, repercute diretamente nos espaços educativos escolares e não escolares, em diferentes etapas.

A discussão deste tema manifesta características potencializadoras para o fomento de reflexões que visem à propagação dos mesmos.

A miscigenação étnica predominante no Brasil, aliada à cultura do país de fazer piada com outras pessoas, nacionalidades e gêneros, vêm trazendo situações que se tornaram motivo de atenção e preocupação de todos — e não apenas de governantes e legisladores.

Crianças e adolescentes percebem essa diversidade mais claramente na escola, onde armadilhas surgem diariamente. E a forma como vão tratar esse assunto será fator determinante na formação do caráter e do perfil pessoal.

Pais, educadores e sociedade, juntos, precisam orientar e ensinar seus filhos e alunos sobre o respeito à diversidade no ambiente escolar, por meio da convivência em harmonia com diferenças de gênero, raça, religião ou comportamento.

A intolerância manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta pelo meio. O preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias

com pessoas diferentes.

O respeito à diversidade no ambiente escolar facilita o trabalho em grupo, evita sofrimento e constrangimento, melhorando o ambiente. Além disso, facilita o trabalho dos educadores e pais, abrindo portas para um aprendizado maior e melhor, derrubando barreiras desnecessárias. Eliminar o preconceito na escola trará benefícios para toda a vida.

Um aluno que evita o preconceito interage mais facilmente, criando um círculo de relacionamentos diverso e rico, trilhando um caminho livre de barreiras. Dessa forma, essa criança terá mais tempo para se concentrar no que é importante, benéfico e construtivo.

Muito tem se falado sobre diversidade e inclusão, sendo este assunto uma pauta constante que definem objetivos e planos de ação para o futuro em sociedade.

O primeiro passo para que a escola trabalhe efetivamente essas ações é tratar a diversidade com naturalidade e não como um conteúdo específico que precisa ser estudado como uma disciplina. Uma boa instituição deve inserir o assunto com sutileza nas aulas relacionadas e em dinâmicas e momentos de descontração, para que a criança perceba que o natural mesmo é respeitar a diversidade.

Evidenciar a diferença a partir do estudo da história brasileira é essencial para que, desde pequenos, os estudantes compreendam o processo de formação da população e o privilégio de certas raças e culturas em detrimento de outras. Outros temas como imigração e conflitos entre países também podem despertar o olhar crítico sobre a intolerância.

Além disso, é importante que esse processo contínuo se relacione com outros segmentos dentro da escola.

Uma instituição preocupada com a formação cidadã do aluno preza por materiais e livros didáticos que não reproduzam situações de discriminação. O ideal é escolher obras que não tragam estigmas e valorizem as diferenças.

Quando a criança lê livros e se depara com diferentes etnias, classes sociais, pessoas com deficiências físicas ou mentais ela percebe que existem outras realidades e não apenas o padrão em que está inserida.

No meio profissional, os principais questionamentos feitos são: Como comprovar que a diversidade propicia a inovação na empresa?; Como entender que a inclusão agrega valor à regra de negócio?; E porque ações de sensibilização são tão importantes para atingir os resultados esperados?

Além de todas as justificativas acima, podemos observar como é comum que se utilize às palavras “diversidade” e “inclusão” como sinônimos. Mesmo profissionais que atuam com estes assuntos nas organizações tendem a misturar os termos. Porém, entender a diferença entre um e outro é importante para o sucesso da estratégia de atração, desenvolvimento e retenção dos mais diversos talentos na sua empresa.

Diversidade está ligada à representação demográfica. Por exemplo, qual o percentual de negros, mulheres, pessoas com deficiências, profissionais LGBTQ+ e das diferentes gerações na sua organização? Entre outras coisas, é preciso saber também se eles são representativos do ambiente em que você atua.

Resolver a questão da diversidade é um primeiro passo. Trata-se de garantir que sua organização está de portas abertas aos mais diferentes profissionais, venham de onde vierem, sejam como forem.

Inclusão é um passo além. É garantir que toda essa diversidade existente na empresa tenha chances iguais de desenvolvimento e promoção. A análise, então, vai recair sobre os cargos mais altos ou de maior prestígio. A diversidade também está presente lá? Existe um número significativo de mulheres e negros no ‘board’ ou nos quadros de funcionários nos contextos: educacional, científico ou empresarial?

Diversidade é importante, mas é a inclusão que faz a diferença. É o senso de pertencimento, a certeza de que podemos nos levar inteiros para o trabalho, que fará com que sua organização seja mais criativa, inovadora e produtiva.

Quando pensamos em Diversidade e Inclusão, isso nos remete a variados públicos como: pessoa com deficiência; LGBTQ+; gênero; etnia; religião; entre outros. Entretanto, podemos notar que todos somos diversos sob muitos aspectos: idade; cultura; vivências e muito mais.

## Adaptação/recriação

Esta prática é adaptação de uma atividade de um exercício para tornar mais visível e mais palpável a distribuição desigual de privilégios em nossa sociedade, iniciado em 2015 nos EUA.

## Referências

ALCÂNTARA, Flávia. Representações de infância e literatura para crianças: duas faces de uma mesma moeda. In: COENGA, Rosemar (org.). A leitura em cena: literatura infanto-juvenil, autores e livros. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

\_\_\_\_\_. Modernidade líquida. Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

\_\_\_\_\_. Entrevista sobre a Educação: Desafios pedagógicos e Modernidade Líquida - Alba Porcheddu. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.137, p.661-684, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a16> Acesso em Nov/2018.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.

\_\_\_\_\_. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: [s.n.], 2003.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: [s.n.], 2004.

\_\_\_\_\_, Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP 3/2004 Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana. Brasília, Ministério da Educação, 2004.

\_\_\_\_\_. Lei 11.645, de 10/03/2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: . Acesso em: Nov.2018

\_\_\_\_\_. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, 2008. Disponível em: . Acesso em: Nov. 2018

\_\_\_\_\_, Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: [s.n.], 2009.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: . Acesso em: Nov. 2018.

CASTEL, R. A. As armadilhas da exclusão In: BELFIOREWANDERLEY, M; BÓGUS, L; YAZBEK, M. C. (Orgs.). Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 2000.

CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira. A Formação de Docentes para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Município de Pitanga/PR: percursos da Lei 10.639/03. 2016. 226 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava/PR, 2016.

\_\_\_\_\_. Alessandra L. O; QUARESMA DA SILVA, D. R. Discutindo as Relações de Gênero e Étnico-Raciais por meio dos contos de fadas na Educação Infantil. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v.1, p.1-16 - 2018. Disponível em:  
<http://https://www.eumed.net/rev/atlante/2018/05/educacao-infantil-brasil.html>

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão Social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. Revista Ciências Educação, Bauru, v.23, n.1, p.1-6, 2017. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v23n1/1516-7313-ciedu-23-01-0001.pdf>  
Acesso em Nov. 2018

COELHO, W. de N. B. et al. Caminhos da Formação Docente no Brasil: desafios e perspectivas na contemporaneidade. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do sul, v. 20, n. 1, p. 09-23, jan/junho. 2012

DIAS, Lucimar Rosa. Diversidade Étnico-Racial e Educação Infantil. Três Escolas, Uma Questão, Muitas Respostas. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

FISCHER, Rosa. Televisão e educação: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEHER, Roberto, VITTORIA, Paolo e MOTTA, Vânia. Educação e Mercantilização em meio à tormenta Político-Econômica do Brasil Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 1, p.14-24, abr. 2017. ISSN: 2175-5604 14-24 Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/21792/14337> Acesso em Nov. 2018

GATTI, Bernadete Angelina. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte / Bernadete Angelina Gatti, Elba Siqueira de Sá Barreto e Marli Eliza Dalmazo de Afonso André. - Brasília: UNESCO, 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura. Educação & Realidade, Porto Alegre, n. 22, v. 2, jul.-dez. 1997.

Heidrich, Regina de Oliveira. Análise de processo de inclusão escolar de alunos com paralisia cerebral utilizando as tecnologias de informação e comunicação [Tese de Informática na Educação]. Porto Alegre, RS, 2004. 230 Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004

KEATES, Simeon; CLARKSON, P. John. Countering design exclusion through inclusive design. ACM SIGCAPH Computers and the Physically Handicapped, v. 44, n. 0, p. 69, 2002.

MARTINS, J. de S. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 2009

MARTINS (b) H.H.T.S. Metodologia Qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa. São Paulo, v.30, n.2 p: 289-300, maio/ago. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: (Org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 9-29

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 23, maio/jun/jul/ago, 2003.

ORELOVE, F. P.; SOBSEY, D. R. N. Educating Children with Multiple Disabilities: a Transdisciplinary Approach. 3ª edição. Baltimore: Paul Brookes Publishing Co., 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. Literatura Infantil e Ideologia. São Paulo: Global, 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SARAMAGO, A. R., GONÇALVES, A., NUNES, C., DUARTE, F. e AMARAL, I. Avaliação e Intervenção em Multideficiência. Centro de Recursos para a Multideficiência. Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Direção de Serviços de Educação Especial e do Apoio Sócio -Educativo. Lisboa, 2004.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOLER, M. A. Didáctica multissensorial de las ciencias: un nuevo

método para alumnos ciegos, deficientes visuales, y también sin problemas de visión. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. 1999.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

UNESCO, Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994.

Outras Leituras:

Agência Patricia Galvão. 2017 “Teto de vidro” na ciência: apenas 25% na categoria mais alta do CNPq são mulheres.

Disponível em [http://agenciapatriciagalvao.org.br/trabalho\\_/noticias-trabalho/teto-de-vidro-na-ciencia-apenas-25-na-categoria-mais-alta-cnpq-sao-mulheres/](http://agenciapatriciagalvao.org.br/trabalho_/noticias-trabalho/teto-de-vidro-na-ciencia-apenas-25-na-categoria-mais-alta-cnpq-sao-mulheres/)

Acessado em 20/01/2018 às 15h16min.

Barreto A. 2014 A Mulher No Ensino Superior Distribuição E Representatividade. Cadernos do Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil, n. 6, jul./dez. ISSN 2317.

Bian L, Leslie SJ, Cimpian A. 2017 Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children’s interests. Science. 355(6323):389-391. doi: 10.1126/science.aah6524.

Budden AE, Tregenza T, Aarssen LW, Koricheva J, Leimu R, Lortie CJ. 2008 Double-blind review favours increased representation of female authors. Trends Ecol Evol. 23(1):4-6.

Castelli L, Zogmaister C, Tomelleri S. 2009 The transmission of racial attitudes within the family. Dev Psychol. 45(2):586-91. doi:

10.1037/a0014619.

Crowley K, Callanan MA, Tenenbaum HR, Allen E. 2001 Parents explain more often to boys than to girls during shared scientific thinking. *Psychol Sci.* 12(3):258-61.

Cvencek D, Meltzoff AN, Greenwald AG. 2011 Math-gender stereotypes in elementary school children. *Child Dev.* 82(3):766-79. doi: 10.1111/j.1467-8624.2010.01529.x  
Dar-Nimrod I, Heine SJ. 2006 Exposure to scientific theories affects women's math performance. *Science.* 314(5798):435.

Désert, M., Préaux, M., Jund, R. 2009 So young and already victims of stereotype threat: Socio-economic status and performance of 6 to 9 years old children on Raven's progressive matrices. *European Journal of Psychology of Education.* Vol XXIV, n.2, p:207-218.

*Gender in the Global Research Landscape.* 2017, Elsevier.

Good C, Aronson J, Harder JA. 2008 Problems in the pipeline: Stereotype threat and women's achievement in high-level math courses. *Journal of Applied Developmental Psychology.* 29: 17-28.

Greenwald AG, Krieger LH. 2006 *Implicit Bias: Scientific Foundations.* 94 Cal. L. Rev. 945. DOI <http://dx.doi.org/https://doi.org/10.15779/Z38GH7F>

Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. 1998 Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology,* 74, 1464-1480.

Guedes MC. 2014 Bolsas e bolsistas de produtividade do CNPq: uma análise de gênero. *Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia - 14º SNH.* ISBN: 978-85-62707-62-9.

Guedes MC, Azevedo N., Ferreira LO. 2015 A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. Cadernos pagu (45), julho-dezembro de 2015:367-399. ISSN 1809-4449.

Harris JL, Bargh JA, Brownell KD. 2009 Priming effects of television food advertising on eating behavior. Health Psychol. 28(4):404-13. doi: 10.1037/a0014399.

Howe-Walsh L, Turnbull S. 2016 Barriers to women leaders in academia: tales from science and technology, Studies in Higher Education, 41:3, 415-428, DOI: 10.1080/03075079.2014.929102.

INEP/MEC. Dados sobre o Censo da Educação Superior.

Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>

Acessado em 22/01/2018 às 15h25min.

Spencer SJ, Steele CM, Quinn DM. 1999 Stereotype Threat and Women's Math Performance. Journal of Experimental Social Psychology. 35(1): 4-28.

Steele CM, Aronson J. 1995 Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. J Pers Soc Psychol. 69(5):797-811.

## Imagens



Proposta	Categoria(s)	Positiva/Negativa	Ícone
1. Se você não trabalhou em uma loja, não ficou de pé em um estádio ou em um show para assistir a sua família	família	N	⊖
2. Se você consegue andar pelo mundo sem saber muito de inglês ou espanhol	Gênero	P	⊕
3. Se você consegue demonstrar afeto pelo seu companheiro, família ou amigos sem sentir medo de ser criticado ou ridiculizado	Orientação	P	⊕
4. Se você não foi ridiculizado de novo no trabalho por não ter participado de uma reunião ou de uma reunião de trabalho por não ter participado de uma reunião	Carreira	N	⊖
5. Se você não se sente confortável quando se aproxima de um estranho	Família	P	⊕
6. Se você alguma vez já teve que pedir seu celular ou seu e-mail, seu nome ou seu endereço para ganhar reconhecimento	Carri	N	⊖
7. Se você não consegue mais suas roupas ou de sua casa enquanto cresce	Carri	N	⊖
8. Se você não consegue mais sem que ninguém saiba seu comportamento ao ser pego no jogo	Gênero	P	⊕
9. Se você não pode lidar facilmente com a pressão que ama	Orientação	P	⊕
10. Se você percebe que teve acesso adequado a comida durante o curso escolar	família	P	⊕
11. Se você já sofreu que seria contratado para trabalhar em um escritório e qualificação	Profissão	P	⊕
12. Se você nunca planejou suas férias antes de chegar a praia quando algum conhecido aconteceu	Raça	P	⊕
13. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Carri	N	⊖
14. Se você já sofreu bullying ou foi vítima de algum tipo de assédio em algum lugar que não era seu trabalho	Profissão	N	⊖
15. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
16. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Raça	P	⊕
17. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Raça	P	⊕
18. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
19. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
20. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
21. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
22. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
23. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
24. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
25. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
26. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
27. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
28. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
29. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
30. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
31. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
32. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
33. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
34. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
35. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
36. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
37. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
38. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
39. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕
40. Se você não sabe o que é um advogado ou um juiz	Família	P	⊕

# Vídeos



As imagens e vídeos indicados nesta prática não estão sob licença CC BY NC, caso queira reutilizá-los, entre em contato com o autor da prática pelo comentário.

## Áreas do conhecimento

Ciências humanas

## Competências gerais da BNCC

Autoconhecimento e autocuidado

Empatia e cooperação

Pensamento científico, crítico e criativo

Repertório cultural

## Competências socioemocionais

Autoconfiança

Autoconhecimento

Sociabilidade

Público Alvo

Educação de Jovens e Adultos

Ensino Fundamental 1

Ensino Fundamental 2

Ensino Médio

Famílias

Formação de professores

Temas

Diversidade e inclusão

---

Tags:

audiovisual

deficiência

estereótipo

estigmatizado

gênero

reflexão

viés